

# O “NOVO NORMAL”: CONTROVÉRSIAS DA EDUCAÇÃO REMOTA EM MEIO À PANDEMIA

Tânia Mara Rezende Machado – UFAC  
[taniaufac@gmail.com](mailto:taniaufac@gmail.com)

Carlos Eduardo da Silva – UFAC  
[eduardo.soul3@gmail.com](mailto:eduardo.soul3@gmail.com)

Maria José Nascimento Correia – SESI/AC  
[mcorreiaac@gmail.com](mailto:mcorreiaac@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Eu tentei fugir, não queria me alistar  
Eu quero lutar, mas não com essa farda!  
Compositor: Edgard Scandurra  
Interprete: Lobão

Muitos países, a exemplo do Brasil, em meio a pandemia, tiram proveito da já trágica situação sanitária, social e econômica enfrentada e intensificam o processo de implementação de políticas educacionais voltadas à educação a distância, chamando-a de “novo normal”.

Estas políticas colocam em risco um legado secular de constituição da forma escolar e ignoram ou desprezam a dedicação empreendida por educadores que conceberam e organizaram, por exemplo, a organização das classes escolares, o tempo escolar, os conteúdos a serem ensinados, metodologias de ensino, instrumentos e formas de avaliação, referências teóricas e tipos de relação interpessoais estabelecidas. Essas são definições que não se toma ao acaso, mas resultam em elementos da cultura escolar que podem estar a serviço da humanização do homem ou de sua barbarização.

Se educar é escolher a que projeto cultural se quer servir, há que se fazer escolhas, há que se tomar partido, há que se manifestar intencionalidades. Não se forma homens alienados e subservientes ao mercado do mesmo modo que se forma homens que cultivam éticas e estéticas

voltadas à defesa da autonomia, da vida em seu sentido alargado, da paz, do respeito a diversidade, da alteridade e da utopia.

## **DESENVOLVIMENTO**

Considerando o impacto das transformações impostas à cultura escolar, aos professores e alunos em meio à pandemia do Novo Corona Vírus<sup>1</sup>, consideramos pertinente fazermos algumas discussões que envolvem nossas vivências no âmbito da educação superior, da educação básica e da pesquisa em educação, ao sermos submetidos à lógica do “novo normal”, em que a incorporação da escola a educação à distância tem se dado de maneira mais aligeirada do que poderíamos supor.

Não obstante ouvirmos que estamos sempre armados por fazermos a crítica e denuncia a modelos de educação que primam pela técnica esvaziada de sentido político, ético e estético, à formação em massa, ao princípio do aprender na prática (aprender a aprender), ao alcance de competências e habilidades e ao assolamento causado pela indústria cultural, isso nos cansa. Nesse sentido, não é uma questão de querermos estar sempre armados, mas de termos que estar. De termos que fazer resistência e de estarmos atentos às intencionalidades daqueles que se organizam para adaptar a escola a um modelo adequado ao mercado, barato para empresários e caro aos filhos dos trabalhadores.

Estamos ficando loucos, mas não porque na nossa universidade fumamos maconha ou andamos nus. Antes tivéssemos feito. Estamos ficando loucos porque nossos princípios pedagógicos, nossos credos didático-curriculares estão abalados. Somos chamados a fazer um curso de capacitação para trabalhar com aulas remotas. Por enquanto remotas, depois... “Eis que chega a roda viva e carrega o destino pra lá” (Chico Buarque de Holanda). Já vimos esse filme antes. Chamava-se Precedentes e o artista principal nele declamava:

---

<sup>1</sup> A COVID-19 é a doença infecciosa causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. No Brasil, em abril de 2021, alcançamos o trágico número de 390 mil mortos.

Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim. E não dizemos nada. Na segunda noite, já não se escondem: pisam as flores, matam nosso cão, e não dizemos nada. Até que um dia, o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E já não podemos dizer nada (COSTA, 1985, S/N).

Esse trecho do belíssimo poema de Eduardo Alves da Costa nos inspira a resistir e por em questão os princípios e paradigmas que orientam o currículo de capacitação de professores para ministrarem aulas remotas<sup>2</sup>. Tal currículo carece de equilíbrio entre a "tecnofobia" e a "tecnolatria" (medo e idolatria), além disto, não foi concebido de modo a trazer antecedentes de sensibilização dos professores para o uso das ferramentas digitais na elaboração de aulas remotas, tais como: Reflexões sobre o papel social do homem como ser cultural em permanente construção, como eterno aprendiz, constituído a partir de processos intergeracionais; os erros como elementos de aprendizagem; os processos de expropriações cognitivas de professores e alunos, podendo causar adoecimentos e evasões.

O curso apresenta uma arquitetura linguística que expressa caráter mercadológico por meio de conceitos e princípios como: "É bom porque atende 70, 80 alunos por vez só", "é bom porque permite replicar atividades e otimizar o tempo". Bom em que sentido? A partir de que critérios? Otimizar o tempo pedagógico ou o tempo da produção do tipo fabril? Produzimos conhecimento humano do mesmo modo e a partir de lógicas temporais padronizadas?

Há a propaganda de que "é tudo de graça" para referir-se às múltiplas possibilidades de recursos, mas quem mais se beneficia com o uso dessas ferramentas digitais?

A problemática do uso do *snap camera* como possibilidade de tornar o professor mais atrativo: O que deve ser atrativo em se tratando de aula? O professor, os conteúdos de ensino? As metodologias e formas de avaliação? As referências teóricas utilizadas? As linguagens empregadas?

---

<sup>2</sup> Nos referimos ao currículo da *Classroom* - turma 1 da UFAC, oferecido para professores da pós-graduação para que sejam capacitados para o desenvolvimento de aulas remotas.

Há ainda a problemática do real e do virtual na aparência do professor. Como usar as "fantasias" sem que essa prática se sobreponha aos elementos específicos daquilo que caracteriza o pedagógico (Definição de objetivos de aprendizagem, seleção de conteúdos e metodologias de ensino, elaboração de instrumentos de avaliação, escolha de referências teóricas, administração do tempo pedagógico, etc.)? E ainda, como não incentivar demasiadamente relações com a imagem pessoal pautada em elementos irreais, fictícios e até passíveis de preconceitos e autoritarismos? A *classroom* não pode ser "o picadeiro da aula, nem a jaula de aula!" (MORAIS, 2011).

Aqui, vale destacar o pressuposto de Adorno e Horkheimer (1985), apresentado no ensaio *O conceito de esclarecimento*, em que a afirmação sobre a origem da ciência moderna, da técnica, logo, das premissas de "gerar pessoas tecnológicas", tem seu resultado em um saber pragmático, um *esclarecimento* que eliminou os últimos resquícios da autoconsciência. Para os autores,

o saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravidão da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa suas origens [...] Nada mais importa (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 18).

Nada mais importa, pois o saber, a técnica, se vincularam as relações de poder, de interesse, alia-se a dominação. Nesse sentido, pode-se compreender a ambiguidade nessa relação entre a formação, tecnologia e sociedade. Adorno (1995a), no ensaio *Educação após Auschwitz*, debate sobre um mundo submerso no saber técnico que, por certo, é decisivo para o desenvolvimento tecnológico do mundo e das pessoas que vivem nele, por outro lado, destaca o exagero de uma racionalidade técnica que se torna irracional e patológico.

Nessa perspectiva, *que efeito as novas tecnologias para a formação escolar dos indivíduos pode provocar?* Em um de seus pronunciamentos no debate, Adorno destaca essa nova tecnologia como uma ideologia que diz respeito a representações da influência do mercado que pode introjetar nos

indivíduos uma “falsa consciência e um ocultamento da realidade” (ADORNO, 1995b, p. 80), além de inculcar valores e dogmas de uma formação crítica e emancipadora. Segundo ele, existe um “caráter ideológico-formal”, que desenvolve um vício à vida virtual e à dominação dos veículos de massa como um depósito de consciência, em que toda a farta oferta de produtos e oportunidades ilusórias é resultante do meio – técnica fetichizada e desconectada da consciência (ADORNO, 1995a).

## CONCLUSÃO

A problemática central imposta pelas aulas remotas é a do seu caráter não democrático e excludente para muitos professores e alunos em função das condições estruturais de suas residências (qualidade dos cômodos, tomadas, computadores, acústica, iluminação, internet banda larga). Qual a largura da banda larga para os menos favorecidos economicamente? Não seria ela muito estreita?

É preciso dizer que, como no poema de Cora Coralina, nos constituímos de “retalhos de outras gentes”. Não somos o que somos por acaso. Somos fruto do que vivemos, lemos e discutimos. Por favor, não nos acusem de estarmos armados 24 horas por dia. Temos que estar. Essa é uma postura imprescindível nesses tempos de negacionismo democrático. A educação pública, democrática e socialmente referenciada está em risco. Estamos em profundo sofrimento! “Devolva-me meu revolver! (...), Eu tentei fugir, não queria me alistar. Eu quero lutar, mas não com essa farda!” (Edgard Scandurra). Queremos lutar na e pela educação, mas resistiremos à tomada da escola pelo mercado, pela desumanização dos profissionais da educação.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. - Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz (1965). In: **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, p.119-138, 1995a.

\_\_\_\_\_. Televisão e formação (1963). In: **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo, Paz e Terra, p.75-96, 1995b.

COSTA, E. A. **No caminho, com Maiakóvski**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. (Poesia brasileira).

MORAIS, R. **Sala de aula: que espaço e esse?**. São Paulo – Papirus editora, 2011.